

BREVE COMENTÁRIO SOBRE O GÊNERO DOS *FASTOS*

Raquel FAUSTINO

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

Resumo: Os desdobramentos atuais da teoria intertextual nos convencem cada vez mais de que um texto não deve ser lido de maneira isolada, uma vez que foi produzido dentro de um sistema literário. Sendo assim, fazer uma leitura intertextual significa considerar o mecanismo alusivo como uma forma inerente a todo texto literário para a produção de seu significado. Pretendemos neste trabalho apontar algumas das alusões presentes no texto dos *Fastos*, de Ovídio, e os efeitos de sentidos que tais alusões têm no que diz respeito ao gênero da obra. Para tanto, também serão analisadas algumas passagens nas quais o poeta tece comentários metapoéticos.

Palavras-chave: Estudos Clássicos; Ovídio; *Fastos*; Gênero; Intertextualidade.

1. INTRODUÇÃO

Ao se referir ao conjunto da obra ovidiana, o estudioso clássico Michael von Albrecht (1987, p. 908) diz que o Ovídio força as fronteiras tradicionais dos gêneros da literatura latina. É partindo dessa afirmação que buscamos entender como a teia alusiva do texto pode ser fundamental para a percepção dos diferentes gêneros que podem constituir a composição de uma mesma obra, muito embora essa obra traga seu rótulo genérico.

Em sua tese de doutorado, Patricia Prata (2007) identificou uma série de elementos épicos presentes nas elegias dos *Tristes*, de Ovídio, e mostrou como esses elementos, acomodados sutilmente ao gênero elegíaco, estabelecem um “conflito genérico” entre épica e elegia. Lucy Ana de Bem (2011), em sua tese de doutorado, discorreu sobre os elementos épicos encontrados nos *Amores* de Ovídio para exemplificar como o poeta se utiliza da épica para compor essa elegia amorosa.

No presente trabalho, pretendemos mostrar como esse “conflito genérico” se estabelece em outra obra ovidiana, os *Fastos*. Através da análise de ecos intertextuais encontrados nesse poema, pretendemos exemplificar como Ovídio compõe uma obra didática que comporta elementos épicos e, ao mesmo tempo, temas de elegias amorosas. Vale destacar que nossa pesquisa ainda está em andamento e que o conteúdo aqui apresentado é resultado de nossas primeiras leituras e reflexões sobre o assunto.¹

¹ É importante destacar que nossa pesquisa é financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

2. FASTOS: UMA ELEGIA DIDÁTICA

Segundo Hinds (1987), estudiosos dos *Fastos* se questionaram durante muito tempo a respeito do gênero dessa obra; no entanto, hoje, é consenso que se trata de uma elegia didática. É elegia por ter sido escrita no metro elegíaco (isto é, em dísticos elegíacos). E a obra é didática pela forma como seu conteúdo é apresentado: o poeta adota o tom de um *magister* que instrui seus leitores principalmente, mas não exclusivamente, em relação às festividades do calendário romano.

De acordo com Green (2004), logo nos versos iniciais do próêmio dos *Fastos*, o poeta se filia à tradição didática cosmológica e cosmogônica grega. Observe:

*Tempora cum causis Latium digesta per annum
Lapsaque sub terras ortaque signa canam.*

(I, 1-2)

Cantarei com suas causas os tempos divididos pelo ano latino
E as estrelas que nascem e se põem sob a terra.²

Ovídio, então, se propõe a discorrer sobre o tempo (*tempora*) e as estrelas (*signa*), ou seja, os mesmos temas tratados por Hesíodo, Arato e Calímaco, grandes nomes dessa tradição didática grega. O destaque dado à astronomia no segundo verso da obra (*lapsaque sub terras ortaque signa canam*. – “e as estrelas que nascem e se põem sob a terra cantarei”) não condiz com a presença desse tema no conjunto do poema, pois, embora a ascensão de algumas constelações seja de fato citada, tal conteúdo, mais presente nos primeiros dois livros, perde espaço entre uma infinidade de assuntos abordados ao longo da obra. Para Green (*op. cit.*), esse é um forte indício de que a referência destacada a esse conteúdo tem outra função no próêmio. Para o comentarista do livro I, o verso alude diretamente a Hesíodo e Arato, poetas famosos por terem tratados esse tema na literatura grega.

Dessa forma, ao destacar o conteúdo astronômico, Ovídio estaria se filiando a uma tradição e, assim, cumprindo um dos requisitos de uma obra didática, pois, de acordo com Trevizam (2003, p. 21), para se ensinar um conteúdo é necessário que o autor mostre que dispõe de fato desse conhecimento e, para isso, precisa revelar suas fontes.

Mas não é somente a esses autores de poesia didática que Ovídio se filia, pois o poeta também faz referência a outros autores didáticos. Ovídio alude, por exemplo, aos trabalhos do latino Propércio e do grego Calímaco, os quais, precisamos destacar, utilizam a mesma métrica que Ovídio para cantar temas considerados elevados.

Green (*op. cit.*) aponta que os dois versos iniciais dos *Fastos*,³ fazem referência ao livro IV das *Elegias* de Propércio,⁴ aludindo, principalmente, ao verso 69: *Sacra diesque*

² As traduções aqui apresentadas são de nossa autoria, exceto quando indicado o autor.

³ Já citados anteriormente.

⁴ Propércio utilizou o metro elegíaco tanto para versar sobre temas amorosos, presentes principalmente no livro I de suas *Elegias*, quanto para celebrar mitos e rituais da cultura latina no livro IV.

canam et cognomina prisca locorum (“Cantarei os dias sagrados e os antigos nomes dos lugares”). Propércio, no livro IV, dada a natureza dos temas que aborda, se filia à Calímaco, autor da *Aetia*.⁵ Também Ovídio parece se filiar à Calímaco, poeta alexandrino que também adotou o metro elegíaco para escrever sua obra cosmogônica. Vale ainda lembrar que o próêmio dos *Fastos* se inicia apresentando o principal tema da obra: *tempora cum causis Latium* (I, 1), e *causa* é justamente a tradução para o latim do termo grego *aetia*; sendo assim, conforme nos lembra Robinson (2011), a proximidade dos termos *causis* e *Latium* no próêmio dos *Fastos* nos sugere a apresentação de uma *Aetia* latina.

Assim, em uma sofisticada teia alusiva, Ovídio indica os autores aos quais se filia e insere sua obra em uma tradição de poesia didática. No entanto, o gênero dos *Fastos* não é tão simples assim de ser definido, pois, ao mesmo tempo em que se filia a essa tradição, o poeta também subverte as regras desse gênero.

Um exemplo do modo como os *Fastos* foge à tradição do gênero está na forma como se constrói a relação *magister-discipulus* na obra. Ao procurar os elementos essenciais a uma obra didática, Trevizam chega a seguinte conclusão:

Os três aspectos essencialmente necessários à construção da poesia didática relacionam-se ao emissor da voz poética (*magister*), ao receptor da mensagem didática (*discipulus*) e ao próprio conteúdo transmitido no processo comunicativo: o mecanismo de significação posto em movimento pela dinâmica dessa categoria textual requer que a situação receptiva engendrada corresponda a algo como a escuta de um mestre por seu(s) aluno(s), de modo que, necessariamente, **aquele de quem partem os “ensinamentos” seja sempre único.**

(p. 20-21, Trevizam, 2003 – grifos nossos)

Os *Fastos* seria então um poema didático atípico, pois a relação entre o mestre e seus discípulos no poema-calendário não se resume à relação que temos entre Lucrécio-*magister* e Mêmio-*discipulus* na *De rerum natura*, por exemplo. O discípulo dos *Fastos* não se apresenta como uma figura única, mas como uma figura múltipla, mais especificamente, os leitores da obra, aos quais o vate se dirige em algumas passagens. E, como afirma Trevizam, esse discípulo plural está previsto nas convenções genéricas da obra. O que nos chama a atenção é o *magister* dos *Fastos* não ser uno, mas uma figura também múltipla, que se divide em diversos personagens: ora quem ensina é o vate, ora alguma divindade.

Murgatroyd (2005) diz que pelo menos um terço de toda a obra se encontra na boca de outros personagens que não o vate; são ao todo treze outros narradores. Grande parte desses narradores dos *Fastos* são divindades, o que faz com que a autoridade desses *magistri* seja certamente notável. Vale ainda destacar que, quando uma divindade assume a voz de *magister* na obra, Ovídio se apresenta como um *discipulus* que, junto a seus leitores, recebe lições sobre os temas que ele mesmo se propôs a narrar.

⁵ Propércio, *Elegias* IV, 64: *ut nostris tumefacta superbiat Vmbria libris/ Vmbria Romani pátria Callimachi!* (“Que com nossos livros a Úmbria se encha de orgulho/ Úmbria, pátria do Calímaco romano”).

Além de subverter algumas características do gênero didático, Ovídio também singulariza sua obra ao trazer para os *Fastos* elementos típicos de outros gêneros, a saber, da épica e da elegia amorosa. Nas próximas duas seções desse trabalho, discorreremos sobre essas duas faces muito distintas da obra.

3. A FACE ÉPICA DOS *FASTOS*

Como vimos, Calímaco e Propércio utilizaram o dístico elegíaco para cantar temas elevados, como a cosmogonia e os ritos romanos, respectivamente. Fantham (1998) nos conta que o dístico elegíaco era muito usado na tradição Alexandrina por autores que cantavam temas épicos; assim, não apenas Calímaco se utilizou desse metro, mas também Tirteu, Sólon, Mégara e Focílides. Mas esse metro também era utilizado para versar sobre o amor e outros temas mais leves. Fantham (*op. cit.*) afirma que já no século VII a.C. encontramos na poesia de Mimnermo de Cólofon tanto temas bélicos quanto temas amorosos cantados no metro elegíaco.

No entanto, foi a poesia amorosa de Mimnermo que se destacou do restante e foi a mais celebrada no decorrer dos séculos. E foi esse caráter mais intimista e amoroso da elegia que chegou à tradição literária romana. Segundo Barchiesi (1997, p. 52), Propércio foi o primeiro poeta latino a utilizar o modelo alexandrino para versar sobre temas mais sérios, pois até então, na tradição romana, as elegias eram quase exclusivamente amorosas.

Sendo assim, a utilização do metro elegíaco nos *Fastos* leva a crer que o conteúdo a ser tratado será mais leve, em conformidade com suas obras anteriores, todas elegias amorosas (*Amores, Arte de Amar, Remédios para o Amor e Heroïdes*). No entanto, o poeta nos lembra em diversas passagens dos *Fastos* que cantará sobre temas mais elevados.

No segundo proêmio dos *Fastos* (II, 3-14), por exemplo, o poeta revela que está se dedicando a uma obra mais elevada que todas as suas composições anteriores:

*Nunc primum uelis, elegi, maioribus itis:
Exiguum, memini, nuper eratis opus.
Ipse ego uos habui faciles in amore ministros,
Cum lusit numeris prima iuuenta suis.
Idem sacra cano signataque tempora fastis.
Ecquis ad haec illinc crederet esse uiam?
Haec mea militia est: ferimus quae possumus arma
Dextraque non omni munere nostra uacat.
Si mihi non ualido torquentur pila lacerto
Nec bellatoris terga premuntur equi
Nec galea tegimur nec acuto cingimur ense
(His habilis telis quilibet esse potest),*
(II, 3-14)

Agora, pela primeira vez, versos elegíacos, ides com maiores velas:

Há pouco, eu me lembro, éreis uma modesta obra.

Eu mesmo os considereei fáceis instrumentos no amor,
 Quando minha primeira juventude brincou com seus ritmos.
 Canto também os sagrados ritos e os tempos marcados nos fastos.
 Quem acreditaria que há um caminho daquela poesia até esta?
 Essa é minha campanha: carregamos as armas que podemos
 E nossa destra não está livre de toda obrigação.
 Se os dardos não são lançados por mim com braço forte,
 Nem o lombo de um cavalo belicoso é por mim montado,
 Nem me visto com capacete, nem me armo com afiada espada
 (Qualquer um pode ser hábil com essas armas),

Ovídio se refere à composição de sua obra amatória utilizando o verbo *ludere* (*lusit* no verso 6); Fantham nos lembra que tal verbo possui duplo sentido: de um lado, o verbo se refere, desde Catulo, à composição de poemas com temáticas mais leves, mas não necessariamente amorosas; de outro, dado a recorrência desse verbo no conjunto de obras amatorias de Ovídio, *ludere* se refere ao conteúdo erótico (como, por exemplo, em *Amores* III, 1, 27 e *Remédios para o amor*, 379-80).

Outro termo que nos chama a atenção é *militia* (v. 9), tão recorrente na obra amatória de Ovídio em sua *recusatio*: o poeta apresenta o conteúdo amoroso como sua campanha (*militia amoris*), em contraste com as campanhas militares tratadas na épica.⁶ No entanto, no livro II dos *Fastos*, *militia* não faz referência a um conteúdo amoroso, mas ao calendário, o que Robinson (2011) chamou de *militia fastorum*. Sendo assim, a *militia* de Ovídio agora é outra.

No livro VI, o vate novamente destaca a seriedade de seu tema sugerindo que é por tratar de temas tão elevados que talvez lhe tenha sido concedido o privilégio de estar na companhia de deuses:

*Fas mihi praecipue uoltus uidisse deorum,
 Vel quia sum uates, uel quia sacra cano.*

(VI, 7-8)

Principalmente a mim foi permitido ver o rosto dos deuses,
 quer porque sou poeta, quer porque canto temas sagrados

E, alguns versos depois, no mesmo livro, a própria deusa Juno confirma isso ao vate:

*Namque ait 'o uates, Romani conditor anni,
 Ause per exiguos magna referre modos,
 Ius tibi fecisti numen caeleste uidendi,
 Cum placuit numeris condere festa tuis:*

(VI, 21-24)

⁶ Lucy Ana de Bem (2011), em sua tese de doutorado, apresenta o *topos* da *militia amoris* nos *Amores* de Ovídio, apresentando uma série de termos épicos utilizados ao longo dos três livros que compõem essa elegia.

Pois ela [Juno] disse: ‘ó vate, autor do ano romano,
que ousaste em uma pequena medida cantar grandiosidades,
a ti tornaste justo ver os numes celestes,
quando decidiste cantar as festas em tua métrica.

No livro II, quando o poeta está prestes a narrar sobre o dia 5 de fevereiro, quando Augusto recebeu seu maior título, *Pater Patriae*, o próprio Ovídio destaca a inadequação existente entre um tema tão elevado e a métrica escolhida. Diz o vate:

*Deficit ingenium maioraque uiribus urgent:
Haec mihi praecipuo est ore canenda dies.
Quid uolui demens elegis imponere tantum
Ponderis? Heroi res erat ista pedis.*
(II, 123-126)

Falta engenho e algo maior que minhas forças me impele:
Esse dia deve ser cantado por mim com voz excepcional.
Por que eu quis, insano, impor tanto peso
A versos elegíacos? O pé heróico seria mais adequado.

Se o conteúdo da obra é tão elevado quanto o vate nos leva a crer, poderíamos nos perguntar por que Ovídio não compôs uma épica ao escrever os *Fastos*. O próprio poeta diz no início de seu poema-calendário:

*Caesaris arma canant alii, nos Caesaris aras
et quoscumque sacris addidit ille dies.*
(I, 13-14)

Que outros cantem as armas do César: nós, os altares do César
e todos aqueles dias que ele juntou aos sagrados.

O poeta destaca então que não cantará sobre *arma*, e essa palavra nos parece evocar Virgílio, exemplo máximo do gênero épico na literatura latina do período imperial. Assim, Ovídio, ao dizer que não vai cantar as “armas” de César, estaria se recusando a compor uma épica. Como vimos, no início do livro II, o poeta também destaca o fato de não estar portando armas (II, 3-16). Green (2004, p. 37) lembra que essa *recusatio* de Ovídio é típica dos poetas elegíacos que costumavam se desculpar por não estarem compondo uma obra com assuntos tidos como mais elevados e dignos de uma obra épica; e, de acordo com Barchiesi (*op. cit.*), assim teria feito o próprio Ovídio em seus *Amores*.⁷

Mas essa *recusatio* presente no poema-calendário, como também lembra Green (2004, p. 37), não é a mesma que o poeta tinha utilizado em sua obra anterior, pois,

⁷ Cf. (*Am.* I, 1, 1-4): *Arma graui numero uiolentaque bella parabam/ Edere, materia conueniente modis/ Par erat inferior uersus; risisse Cupido/ Dicitur atque unum surripuisse pedem.* (“Armas e violentas guerras em ritmo grave eu me preparava/ Para cantar, com uma matéria adequada ao metro./ Semelhante era o verso inferior, Cupido riu,/ Dizem, e surripuiu um pé.” – Trad. de Lucy Ana de Bem, 2007).

nos *Fastos*, ele recusa a épica não para cantar sobre temas amorosos, mas para cantar sobre a religião e os sagrados dias do calendário romano; temas que, se não são épicos, certamente seriam considerados mais elevados que os temas amorosos da poesia elegíaca.

Também merece destaque o segundo verso da obra,⁸ no qual o poeta utiliza o verbo *cano* para introduzir os assuntos sobre os quais pretende discorrer, o que, de acordo com Green (2004, p. 28), não deixa de ser uma alusão ao estilo épico. De acordo com Barchiesi (1997, p. 16), Virgílio não por acaso escolheu iniciar sua épica com as palavras *arma uirumque cano*; dessa forma, ele evocava tanto a *Ilíada* (*arma*) quanto a *Odisseia* (*uirum*) de Homero, expoentes máximos do estilo épico grego. E Ovídio volta a utilizar o verbo *cano* em II, 5, quando destaca que está para narrar temas sagrados, maiores que os assuntos tratados em suas obras anteriores, fazendo assim uma referência ao estilo épico. E não é apenas o conteúdo mais elevado que aproxima os *Fastos* desse estilo. Herbert-Brown (1994, p. 2) lembra que a obra, em relação à sua extensão, possui a mesma magnitude da *Eneida* de Virgílio.⁹

Assim, referências ao estilo épico nos fazem admitir que tal gênero não deixa de estar presente nos *Fastos*. Ademais, como vimos, o próprio vate procura destacar quão elevado é o conteúdo quando comparado ao metro escolhido. Mas será que o conteúdo é assim tão incompatível com a métrica adotada? Durante nossas pesquisas, observamos que a elegia didática dos *Fastos* possui duas faces: uma épica, sobre a qual discorreremos até aqui; e uma elegíaca, a respeito da qual trataremos a partir de agora.

4. A FACE AMOROSA DOS *FASTOS*

Se levarmos em conta o discurso metapoético, ficamos com a impressão de que os *Fastos*, em oposição às obras anteriores de Ovídio, não tratam da temática amorosa. No entanto, qualquer leitor dos *Fastos* logo percebe a grande quantidade de narrativas amorosas presentes na obra e o destaque que o poeta dá a esses temas. Para citarmos um dado mais concreto, Murgatroyd (2005) estima que um quinto de todas as narrativas mitológicas trata de algum tipo de violação sexual, ou seja, uma temática erótica inesperada numa obra de cunho religioso. No livro I, por exemplo, a maior narrativa mitológica trata justamente da tentativa do deus Priapo de violar a ninfa Lótis (391-440). Outro exemplo da abordagem amorosa presente nos *Fastos* está no tratamento dado a Marte no livro III. O deus da guerra é convidado a deixar suas armas (III, 1-8) antes de entrar no livro que é dedicado a seu mês, uma vez que o livro III discorre sobre as festividades do mês de março, mês dedicado a esse deus. E, assim, o Marte do livro III não é uma divindade

⁸ *Lapsaque sub terras ortaque signa canam.* (Grifó nosso).

⁹ Os seis livros dos *Fastos* são compostos por aproximadamente cinco mil versos; mas, considerando que esses versos corresponderiam à metade da obra completa, ela contaria com aproximadamente 10 mil versos e 12 livros, extensão que, como apontam Herbet-Brown (1994, p. 2) e Kenney (1982, p. 429), aproxima os *Fastos* da épica virgiliana.

bélica, mas um deus que se apaixonou perdidamente por Reia Sílvia e, violando-a sem que a vestal percebesse o ato sexual, torna-se pai de Rômulo, o fundador da Urbe (III, 9-70).

Ovídio, então, não abandona totalmente a temática amorosa, pois trata do amor em diversas passagens dos *Fastos* e, ao dar tanto destaque a essas passagens, faz com o tema mais grandioso, as festividades sagradas do calendário romano, fiquem, ao menos temporariamente, em segundo plano. Mas o vate, como vimos, prefere lembrar a todo momento que os *Fastos* traz um conteúdo mais elevado. Somente no livro IV, diante de Vênus, é que o vate admite a abordagem de temas amorosos:

*'Alma, fave', dixi 'geminorum mater Amorum';
ad vatem voltus rettulit illa suos;
'quid tibi' ait 'mecum? certe maiora canebas.
num vetus in molli pectore vulnus habes?'
'scis, dea', respondi 'de vulnere.' risit, et aether
protinus ex illa parte serenus erat.
'saucius an sanus numquid tua signa reliqui?
tu mihi propositum, tu mihi semper opus.
quae decuit primis sine crimine lusimus annis;
nunc teritur nostris area maior equis.*

(IV, 1-10)

Eu disse: 'sê favorável, ó criadora, mãe dos dois amores';

Ela virou seu rosto em direção ao vate e disse:

'O que queres de mim? Certamente cantavas temas elevados.

Por acaso tens no terno coração uma antiga ferida?'

'Tu, deusa, sabes sobre a ferida', respondi. Ela riu e o céu

Naquele lugar imediatamente tornou-se sereno.

'Ferido ou são alguma vez abandonei teus estandartes?'

Tu sempre foste meu propósito, sempre foste minha obra.

Naturalmente, em meus primeiros anos brinquei sem crime;

Agora um solo mais grave é pisado por meus cavalos.

É somente nessa passagem que o vate admite que Vênus, isto é, a temática amorosa, esteve presente ao longo dos *Fastos*, uma vez que, como diz o poeta, Vênus sempre foi sua obra (v. 8). Deste trecho destacamos também a utilização do termo *signa* no verso 7. Tal termo é usado para se referir às estrelas em I, 2 e IV, 12; no entanto, em IV, 7, o termo se refere aos estandartes de Vênus. Ovídio utiliza o termo *signa* para se referir à bandeira que porta muitas de suas obras, isto é, ao tema amoroso de sua obra anterior (vide, por exemplo, *Amores* I, 11, 12; *Ars* II, 234 e *Remedia* 4). Poderíamos, então, dizer que, dada a grande recorrência desse termo no sentido de "estandartes de Vênus" em toda a obra anterior de Ovídio, o leitor dos *Fastos*, ao se deparar com o *signa* do segundo verso da obra, poderia estranhar o sentido dado ao termo que, ali, se refere aos astros do céu. Tal estranhamento seria semelhante ao que apontamos em relação ao termo *militia* em II, 9; verso no qual *militia*, diferentemente de sua ocorrência na obra amatória, não diz respeito a temas amorosos e sim ao calendário romano. No entanto, no livro IV, quando Vênus e,

consequentemente, o amor são trazidos para o poema, o termo *signa* aparece novamente nos *Fastos*, mas agora se referindo aos estandartes da deusa.

Sendo assim, a utilização dos termos *signa* e *militia*, muito marcados em sua obra amatória, e a presença de Vênus produzem um efeito de sentido interessante nos *Fastos*, pois traz para dentro da obra toda a temática amorosa da qual o poeta procurou se distanciar em seu discurso metapoético.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, os *Fastos* é uma obra didática atípica, pois não possui apenas um mestre, mas um vate que conta com a ajuda de narradores melhores que ele para passar sua lição, pois as divindades que ganham voz no poema são apresentadas como autoridades máximas para discorrer sobre assuntos abordados. Temos em Jano um claro exemplo: o deus não apenas conta a Ovídio como se deu a origem do universo, ele mesmo se apresenta como sendo essa origem (I, 93-288).

O gênero didático fica, contudo, evidente quando levamos em conta as alusões de Ovídio a autores proeminentes da poesia didascálica. O poeta dos *Fastos* se filia tanto à tradição grega de Hesíodo, Arato e Calímaco quanto à romana de Lucrécio e Propércio. Entretanto, o poeta não deixa de fazer referência ao gênero épico, seja ao fazer sua *recusatio*, seja ao destacar como a grandiosidade de seu tema ficaria melhor no metro heróico. Assim, a obra brinca com os limites entre os gêneros: os *Fastos* é uma elegia didática que não deixa de ter uma faceta épica.

Vimos também que ecos das obras amorosas de Ovídio não deixam de estar presente nos *Fastos*. A temática amorosa, além de ser claramente evocada em alguns trechos da obra, nos quais o poeta justifica sua escolha métrica, também se faz presente nas diversas narrativas amorosas que compõem o poema-calendário. O tema principal dos *Fastos*, as festividades religiosas romanas, certamente é grandioso, mas o autor elegíaco em Ovídio não deixa de narrar apimentadas cenas amorosas e de tratar heroínas romanas de um ponto de vista mais sensual. Sendo assim, os *Fastos* e, ousamos dizer, todas as demais obras ovidianas, brincam com as convenções de diferentes gêneros poéticos.

Por fim, esperamos ter conseguido, neste trabalho, exemplificar como a refinada teia intertextual do poema-calendário nos permite perceber que Ovídio é mesmo um mestre em jogar com as convenções genéricas do sistema literário latino. É através das alusões a outras obras que percebemos como o poeta, mesmo se filiando a uma tradição, não consegue se limitar às características do gênero escolhido, alterando-o e dando voz a outros gêneros na composição de uma obra muito singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LUCRÈCE. (1955). *De la nature*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout, Les Belles Lettres, Paris.
- OVIDE. (1955). *Les Fastes*. Traduit et annoté par Henri Le Bonniec, préface de Augusto Fraschetti, Les Belles Lettres, Paris.

- PROPERCE. (1931). *Élégies*. Traduction nouvelle avec une introduction et des notes par Maurice Rat, Librairie Garnier Frères, Paris.
- BEM, L. A. (2011). *Metapoesia e confluência genérica nos Amores de Ovídio*. Tese de doutorado, IEL/Unicamp.
- FANTHAM, E. (1998). *Ovid: Fasti book IV*, Cambridge University Press, Cambridge.
- GREEN, S. J. (2004). *Ovid, Fasti I – a commentary*. 1ª ed., Brill Academic Publishers, Netherlands.
- GRIMAL, P. (1951). *Diccionario de Mitología Griega y Romana*. 6ª ed., Editorial Paidós, Barcelona.
- HARRISON, S. (2006). *Ovid and genre: evolutions of an elegist*. In: *The Cambridge Companion to Ovid* (edited by P. Hardie), Cambridge University Press, Cambridge, 2006, p. 79-94.
- HERBERT-BROWN. (1994). *Ovid and the Fasti – an Historical Study*, Clarendon Press, Oxford.
- HINDS, S. (1987). *The Metamorphosis of Persephone – Ovid and the self-conscious Muse*, Cambridge University Press, Cambridge.
- MURGATROYD, P. (2005). *Mythical and legendary narrative in Ovid's Fasti*, Brill, Boston.
- PRATA, P. (2007). *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos Virgilianos*. Tese de doutorado, IEL/Unicamp.
- ROBINSON, M. (2011). *A Commentary on Ovid's Fasti, Book 2*, Oxford University Press, NY.
- TREVIZAM, M. (2003). *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da Ars amatoria de Ovídio*. Dissertação de mestrado, IEL/Unicamp.